



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ALOÍSIO PIRES ALVES

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-584

Entrevistada: Aloísio Pires Alves

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte

Entrevistador: Gustavo Bernardi

Data da entrevista: 12/08/2015

Transcrição: Gustavo Bernardi

Copidesque: Johanna Ermacovich Coelho

Pesquisa: Gustavo Bernardi

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 41 minutos e 3 segundos

Páginas Digitadas: 13

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Influência dentro do futebol; Formação no Sport Clube Internacional; Rotina de treinos antes dos Jogos Olímpicos de Seul; Momento em passou a atuar no time principal; Competições antes dos Jogos Olímpicos; Dificuldades por estar fora do eixo Rio-São Paulo; Convocação para compor a seleção olímpica; Preparação para os Jogos; Experiência e participação nos Jogos; Instalações, infraestrutura e segurança dos Jogos; Locais das competições; Organização do evento; A repercussão dos jogos na sua carreira; A repercussão dos jogos para o Rio Grande do Sul; Carreira após os Jogos Olímpicos; Atuação no Futbol Club Barcelona e no Futebol Clube do Porto.

Porto Alegre, 12 de agosto de 2015. Entrevista com Aloísio Pires Alves a cargo do pesquisador Gustavo Bernardi para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

G.B – Primeiramente boa tarde. Eu gostaria de lhe agradecer pela presença e já vou fazer a primeira pergunta: Como foi sua inserção no esporte? E quais ou quem foram tuas influências?

A.A – O futebol sempre foi a modalidade que eu gostei ou que eu escolhi um dia para vir a ser um profissional que eu sonhava. Obviamente que quando criança eu sempre acaba por praticar mais que uma modalidade, ou seja, não só o futebol; mas o futebol sempre foi a minha paixão, aquilo que eu tinha em mente desde muito cedo de querer um dia a poder jogar num estádio cheio e representar o Brasil como atleta. O futebol foi minha paixão e nunca pratiquei outra modalidade.

G.B – Teve alguém que te influenciou na escola, pai, mãe, irmão?

A.A – Não. Por curiosidade somos de uma família assim bem grande, mas nenhum dos meus irmãos tiveram essa vocação, essa vontade. Por motivos diferentes tinham que trabalhar e outros estudavam, mas eu posso dizer que realmente não tinham o talento e, principalmente, a vontade de jogar futebol, mesmo que fosse assim de brincadeira com os amigos. Eu já ao contrário: fui sempre muito fominha, tinha o futebol na cabeça na escola; ia na venda com a minha mãe e ia com a bola no pé, ia correndo com a bola e não desgrudava da bola. Então era futebol 24 horas. Acho que tinha isso muito dentro de mim, essa vontade muito grande. Foi influência de um irmão mais velho que jogava, que era bom jogador mas não chegou a ser profissional e acho que foi um pouquinho esse contágio desse meu irmão. Depois vendo os jogos na televisão, vendo o Grêmio¹ e Inter² e jogos da seleção brasileira e grandes ídolos que a gente sempre tinha uma referência. Eu pensava que um dia ia estar no lugar daquele atleta que joga no Grêmio ou no Inter ou no próprio

¹ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

² Sport Clube Internacional.

Brasil de Pelotas³ que foi minha primeira referência, que é o clube da minha cidade. Pelotas é a cidade onde eu nasci e meu objetivo é um dia poder jogar no Brasil de Pelotas que era o time do meu coração e continua sendo acho que é um pouquinho por aí.

G.B – Tu começou tua carreira no Brasil de Pelotas ou foi em algum outro clube?

A.A – Brasil de Pelotas e Grêmio... Só tinha o Brasil, eu morei sempre próximo ao estádio desde muito cedo a gente jogando com os amigos; a gente sempre narrava e colocava o nome no jogador que nós vimos jogar que era ídolo do clube e quando nós fazíamos o gol sempre comemorávamos de uma forma bastante alegre colocando o nome desse atleta como se nós fôssemos esse atleta. Então o Brasil de Pelotas foi minha influência, foi o clube também que me motivou para que eu pudesse dar continuidade a essa carreira de atleta.

G.B – Vou ter que insistir de novo nessa pergunta. O Brasil te influenciou e foi no Brasil que tu começou a treinar? Fez categoria de base ou despontou pro profissional?

A.A – Exatamente. Bem no início da minha carreira foi no Brasil de Pelotas como te falei. Sou nascido e criado em Pelotas. Comecei com 13 para 14 anos nas escolinhas daquela época, no infante porque o Brasil tinha as categorias de base e na época não tinha os juniores. Era escolhinha, infante, juvenil e depois seguia ao profissional. Não tinha os juniores, sub-20 como tem hoje. Comecei no Brasil de Pelotas, foi ali que dei os primeiros toques mais a sério no futebol e foi lá meu início de carreira.

G.B – E depois do Brasil... Gostaria que tu citaste outros clubes que tu foi passando...

A.A – Eu comecei no Brasil estive dos meu 14 até os meus 18 anos juniores, ou seja, era juvenil. Com 18 anos eu vim para o Inter; o Inter me comprou, entretanto, com 16 anos eu já estava com o time profissional. Treinava e jogava com os juniores ou juvenis, não tinha um contrato profissional e, pronto, despertei ali cedo para os treinadores e diretores... Eu já tinha uma altura assim bastante grande para a minha idade, era compridão, era grande... E despertou interesse pela minha forma de jogar e acabei por jogar nos juniores e cheguei a

³ Grêmio Esportivo Brasil.

jogar no profissional também com 16 anos. Depois o Inter me comprou júnior ainda, fiz dois anos de júnior no Inter, dos 18 aos 20 e, depois, dos 20 aos 27 como profissional.

G.B – Qual era a rotina de treino dessa época antes de participar dos Jogos Olímpicos?

A.A – Então, o futebol mudou bastante em nível de trabalho, de preparação física, de preparação técnica. Acho que mudou muito de, sei lá, trinta anos para cá. Realmente, a cada dia se vem descobrindo mais formas, a metodologia de treino é totalmente diferente procura-se copiar um pouquinho lá fora, na Europa, nos clubes grandes e até mesmo nas seleções. Mas o Brasil tem uma particularidade, uma característica muito própria de trabalhar principalmente com os seus preparadores físicos, naquela coisa do treino de força e do treino da parte de resistência e velocidade. Na verdade, isso repartiu, dividiu os treinos: a parte técnica da parte física e tal. Hoje se trabalha muito em conjunto, se faz as duas coisas não separadamente, logicamente que na pré-temporada é diferente. Mudou bastante os treinos... Antigamente até mesmo os clubes pequenos não tinham condições de ter uma academia, ter um ginásio, ter aparelhos de musculação, então, se improvisava. Na verdade, era uma coisa assim muito curiosa: nos clubes do interior faziam musculação, pegavam um cano ou ferro e colocavam lata de tinta ou cimento dentro e esses eram os alteres de peso. Muitas vezes, só tinha uma cadeira para fazer o extensor, mas trabalhavam assim mesmo. Os times corriam e eram bem preparados, logicamente, que as condições eram outras. Como sou aqui do sul, o futebol do sul é um futebol de força e se trabalha muito a parte muscular. Então, acredito que, nesse sentido, não tenha mudado muito o intuito, o objetivo dos preparadores físicos dos times. Obviamente que a tecnologia e, hoje, as condições financeiras também de alguns clubes já são melhores e quem tem melhores condições é que vai estar melhor preparado porque vai ter um melhor material e seus atletas com certeza poderão usufruir disso.

G.B –Nessa época vocês treinavam em um turno ou dois turnos? Não sei se tu era muito novo, você estudava ou trabalhava?

A.A – Eu estudava à noite. Normalmente no início da pré-temporada eram dois turnos de treino e algumas vezes eram dois treinos na parte da manhã e um a tarde. Tipo na primeira semana. Mas antigamente se treinava dois turnos de manhã e de tarde. Com alguns

treinadores pelo menos dois dias da semana se fazia treino de manhã e de tarde; normalmente eram de manhã.

G.B – Quais competições importantes você disputou antes dos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988?

A.A – A minha primeira competição importante foi com a seleção gaúcha em 1981 e 1982 quando eu ainda era jogador do Brasil de Pelotas. Fui vendido em 1982 que foi primeiro campeonato brasileiro de seleções que o Rio Grande do Sul ganhou e eu fiz parte desse plantel. O treinador era o Jaime Schmidt, é conhecido, treinou o Grêmio, o Inter, a seleção, o Caxias⁴, vários clubes... Então meu primeiro título mais importante foi esse com a seleção gaúcha: campeão brasileiro sendo ainda um atleta do Brasil de Pelotas.

G.B – E tu pode citar outras competições?

A.A – Com certeza. Em 1983 pela seleção brasileira de sub-20 fui campeão sul-americano. Em 1983, no mesmo ano, fomos campeões mundiais no México e as duas finais foram contra a Argentina. Em 1983 fui campeão sul-americano e em julho deste mesmo ano, campeão mundial sub-20. Depois teve a seleção olímpica, mas nessa fase de Inter, eu ainda jovem conquistei esses três com o Inter. Isso antes de ser vendido para o Barcelona⁵ e, em Seul, em 1988, a gente foi medalha de prata.

G.B – Em algum momento você se sentiu prejudicado por estar fora do eixo Rio-São Paulo? Por estar aqui no sul e, digamos, não ter a mesma infraestrutura dos times de fora do Estado.

A.A – Não. Não sentia porque como eu estava em um grande clube, que é o Inter, com as condições excepcionais de trabalho; é um clube super organizado, então, não me sentia tipo, desvalorizado, ou de alguma forma visto de uma forma diferente por parte de treinadores ou até mesmo da imprensa. Acho que não é um clube com um grande histórico... Tem saído grande jogadores com referência e jogadores que jogaram no sul que

⁴ Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul.

⁵ Futbol Club Barcelona.

foram, conseguiram chegar na seleção ultrapassando algumas barreiras. Quando tu falou essa coisa do futebol Rio, São Paulo, Belo Horizonte que são os grandes centros e acho que o Inter até mesmo o Grêmio conseguiam fazer isso e muitos jogadores foram para a seleção pela sua qualidade. Em momento algum eu me senti assim frustrado ou achando que havia alguma diferença entre as pessoas que estavam a frente do futebol. Até porque eu fui a seleção e jogava no Inter e fui a seleção de júnior; fui muitas vezes para a seleção acho que, na verdade, me sentia orgulhoso de jogar no Inter.

G.B – Você lembra como surgiu a convocação para os Jogos Olímpicos de Seul?

A.A – Sim. Na verdade, quatro anos atrás, em Los Angeles no ano de 1984, o Inter tinha sido escolhido como a base da seleção brasileira. Hoje já não lembro o motivo porque a CBF⁶ decidiu assim... Os jogadores, a seleção sempre procuram colocar os melhores na ideia e na concepção do treinador, então havia bastante jogadores do Inter porque o Inter era a base da seleção. Eu, nessa primeira convocação, eu fiz parte do plantel só que eu não fui na chamada final; na lista final eu não fui, eu não fui convocado só fiz parte do plantel. Treinei e não fui convocado em 1984, onde o Brasil também ganhou. Acho que ficou em segundo, ganhou medalha de prata. E quatro anos depois tive a oportunidade de ter uma nova chance. Fiquei muito feliz! O Carlos Alberto Silva era o treinador e eu já tinha sido convocado por ele em uns jogos amistosos... No centenário na Austrália, que foi um título que nós ganhamos. Uma copa importante que era contra a seleção da Austrália; a Argentina eram times bem fortes eram o Brasil conseguiu esse título e acho que eu marquei um pouco o meu lugar, o território. Tipo assim: estou aqui, pelo menos vou ser uma opção para o treinador e procurei sempre trabalhar com seriedade e sabendo que a seleção é um lugar que todo atleta quer estar, quer vestir a camisa e não somente vestir com o objetivo de jogar... É sempre uma honra vestir a camisa do Brasil e para mim foi assim. Tive momentos espetaculares desde muito novo tive essa oportunidade, essa experiência e a olimpíada é algo extraordinário, é diferente de tudo, como é um mundial. Eu não tive a oportunidade de disputar uma copa do mundo, mas as olimpíadas realmente tem um clima espetacular dentro da vila; é a nível de convivência de harmonia, de aprendizado... É espetacular! Então, tive uma trajetória até 1987, 1988 nessa convocatória onde o treinador que já me conhecia; conhecia meu trabalho, acreditou em mim e me

convocou. Fiquei muito feliz e até hoje agradeço ao Carlos Alberto Silva ter me dado essa oportunidade para eu ter feito parte desse plantel e ter conseguido essa conquista, essa medalha de prata embora o ouro fosse o objetivo. Mas foi realmente de grande satisfação para mim pessoalmente.

G.B – Então, em 1984 tivemos uma conquista importante para o futebol brasileiro com a medalha de prata e o time tinha como base a equipe do Internacional. Tu achas que isso tem alguma relação com a tua convocação quatro anos depois, em 1988?

A.A – Sim, acho que foi continuidade de um trabalho; são quatro anos e em quatro anos muda muita coisa. O atleta está em um nível e o objetivo é sempre crescer no aspecto técnico, físico e até mesmo falando do tático. Hoje muitas vezes, tu sai... No meu caso, eu saí estava em clube que eu era titular durante meu crescimento de 1984 para 1988 e com 23 para 24 anos como uma coisa e para 27 é uma diferença bem grande... A pessoa já tem experiência, a confiança já está muito mais acima e aquela vontade de poder, sabendo que vai ter seleção, que vai ter convocatória e sempre querer dar o melhor.. Obviamente não só no meu caso, mas outros jogadores também sempre acabam por ter um objetivo. Na verdade foi uma sequência do trabalho de 1984 para 1988 e foi uma seleção totalmente diferente ou bem diferente, até pelo limite de idade... Agregamos a experiência e a qualidade; era realmente um plantel espetacular esse de 1984 também, mas o de 1988 era um plantel espetacular com jogadores já todos com uma grande qualidade, mais maduros. Volto a dizer que eu estava neste lote de jogadores e foi uma experiência espetacular poder conviver ali com atletas... Não era somente o futebol em si, mas o que agrega para cada um no dia a dia, nas conversas. Foi muito bom!

G.B – Gostaria que tu comentasse como é que foi a competição de Seul, os jogos mais difíceis, se teve algum jogo fácil...

A.A – Olha, jogos fáceis não! A gente fala de seleção porque é o Brasil mas acho que por isso. O nome é seleção, são os melhores! O Brasil, pela tradição, pelo peso que carrega, coloca essa ideia... Sempre que tem obrigação de jogar contra uma seleção que não tenha o mesmo histórico, o mesmo peso, a mesma qualidade isso é da nossa cultura e não é

⁶ Confederação Brasileira de Futebol.

somente da seleção. Nos clubes também, mas a gente sempre procurou respeitar os adversários independente de quem fosse o mais fraco que estava ali apenas sabendo que não ia ganhar nem um jogo e só por muita sorte porque era inferior é tecnicamente, fisicamente. Mas a gente procurou sempre encarar os jogos com muita seriedade, até o próprio treinador era assim e cobrava muito. O Carlos Alberto da Silva era um treinador muito rigoroso, ninguém não tinha lugar cativo; tinha os titulares, mas o plantel tinha muita qualidade e o reserva também era bom e podia entrar e dava o mesmo resultado, entendeu? Havia essa cobrança e também os jogadores, por trabalharem de uma forma diferente além do grupo, estavam com o mesmo pensamento e ambição: queremos o ouro. Ganhar a prata é excelente, mas queremos ganhar o ouro. E o que eu lembro era que não houve jogos fáceis até porque o nosso grupo era um grupo bem difícil, não lembro realmente todos. Nós jogamos contra a Nigéria, contra a Alemanha, contra a Iugoslávia, não sei se era quatro no nosso grupo. A semifinal foi contra a Alemanha um jogo bem sofrido, histórico porque foi um jogo que foi decidido nos pênaltis e o Taffarel⁷ acho que pegou dois pênaltis, alguma coisa assim. Eram todas grandes seleções, mas a Alemanha tinha o Jürgen Klinsmann que estava aparecendo, era grande jogador... Para mim foi o jogo mais difícil porque foi a semifinal e onde nós decidimos ali e acabamos por empatar o jogo; depois a gente decidiu nos pênaltis onde nós sofremos bastante e conseguimos passar para a final. A final foi contra a Rússia que tinha também uma grande seleção com todos jogadores com grande qualidade. Muitos deles acabaram por ir para grandes clubes da Europa, mas no meu ver, acho que a Alemanha era a seleção mais forte. Se fosse uma final, digamos mais justa, seria Brasil e Alemanha. Acho que a Rússia tinha um bom time, mas não era tão forte e tão homogênea. Eu não lembro de nenhum jogo fácil. Ganhamos da Nigéria e foi complicado ganharmos da Nigéria, não lembro se foi dois a um ou três a um. Foi um jogo muito difícil, todos eles difícilimos.

G.B – Vocês eram vistos como favoritos ou não?

A.A – Sim, o Brasil era um dos favoritos. Como eu te falei, tinham muitas seleções e o Brasil já tinha um histórico de quatro anos atrás ter ganho uma medalha de prata e ter ido a final contra, se não me engano a Itália. Quem acompanha o futebol e gosta de futebol sabe que o Brasil sempre faz seleções boas e fortes nas competições que está envolvido e

⁷ Cláudio André Mergen Taffarel.

naquele ano não foi diferente. Como eu te falei, os jogadores que estavam no plantel eram grandes jogadores; jogadores acostumados a jogar a Taça Libertadores⁸, com uma grande bagagem que se carregava em cima. Eu acho que foi uma aposta de muita gente ver o Brasil campeão olímpico, ou seja, com a medalha de ouro e nós acabamos por chegar à final. Acho que para chegar à final trabalhamos bem, depois são consequências do futebol: perdemos dois a um, mas acho que com certeza se apostou bastante no Brasil para ser o campeão olímpico.

G.B – Agora como eram as instalações olímpicas, a infraestrutura, alimentação, transporte, segurança... Teve alguma coisa que te marcou?

A.A – Tudo perfeito! A Coréia é um país super desenvolvido e quando se trata de um evento dessa grandeza, onde todos os detalhes tem que ser pensados, até porque se tem tempo se preparar, para construir a vila, as acomodações dos atletas, o transporte, a segurança... A gente sabe o histórico de uns anos atrás em outros países que aconteceram atentados, então, tudo perfeito. Eu não lembro de nada que tenha acontecido que não deu certo... Fomos a vila olímpica e o campo de treino era espetacular, as acomodações boas o refeitório gigante... Imaginar que tem vários atletas de várias modalidades ali que convivem, aquilo é impressionante. Tem um serviço que é de vinte e quatro horas... A nível das refeições tu pode acordar três da manhã e, se está com fome, sai do teu quarto vai lá e come o que tu quiseres. Segurança, o que me chamou atenção na época é que eu que não estava habituado a ver, e que é normal, é que para a entrada e saída dos veículos tinha aquele espelhinho que passa por baixo, para ver se não tem nada no carro; para ver se não colocaram ali um dispositivo, uma bomba, não sei o quê. Aquilo ali me chamou um pouquinho atenção no início, mas depois eu sabia que era normal; é questão de segurança. Era tudo perfeito e acho que, cada vez mais, os países que organizam os Jogos Olímpicos, procuram fazer o melhor para que os atletas possam ter o conforto e condições para dar o seu melhor nas suas competições.

G.B – Na vila olímpica vocês ficaram com alguns atletas de outras modalidades ou só do futebol?

⁸ Copa Libertadores da América ou Taça Libertadores da América.

A.A – Nós ficamos em um prédio que era só para futebol, ou seja, era uma vila com vários prédios e um prédio, por exemplo, só do Brasil. Não era só um prédio, mas dentro da vila ali havia alguns prédios e nós tínhamos o nosso prédio, da nossa delegação de futebol; atrás estavam o voleibol pertinho, o basquete, depois tinha Cuba só do boxe... Depende da delegação... Se era futebol, vôlei que são mais pessoas, então. eles dividiam mais ou menos assim.

G.B – Vocês jogaram em várias cidades ou somente em Seul?

A.A – Jogamos em Seul a primeira fase e depois fizemos um jogo fora, se não me engano. Nossos jogos foram quase todos ali em Seul e quase que não saímos.

G.B – Vocês chegaram a participar da Cerimônia de Abertura?

A.A – Não, nossa equipe de futebol não foi é ate uma boa pergunta. Nós chegamos tipo, um dia antes da abertura, nós viajamos com o avião... Era o futebol e foi conosco o pessoal do basquete, então, nós fomos direto pra vila olímpica e o futebol não participou da Abertura dos Jogos.

G.B – E da Cerimônia de Encerramento?

A.A – Do encerramento não. Que eu lembre não. Nós recebemos a medalha e acabou o futebol, acabou o jogo e acho que o encerramento foi dois dias depois. Nós não ficamos que eu lembre assim, pode ter ficado alguém representando, mas no futebol não lembro de ficar.

G.B – Teve algum fator negativo nos Jogos que te marcou negativamente?

A.A – Negativo. Dentro assim da organização do evento ou...

G.B – Qualquer coisa, a organização do evento ou algo que te marcou negativamente.

A.A – Não. Acho que não, não algo assim que tenha marcado não. O interessante ali porque o atleta chega dois dias antes, chega três dias antes e tem que estar preparado, estar treinado, mas ele tem que se adaptar; vai treinar pra fazer a sua competição e era muito interessante que nós quando jogávamos, às vezes, até mesmo entre treinos tu vê o pessoal ali... E quando tu vai ficando até a final, tu começa a ver um número muito grande de pessoas que acabaram por ir embora... Assistimos a o fulano da natação e ele não classificou e no outro dia tu vê o pessoal sair com a sua malinha... E começa a enxugar muito o número de pessoas, é muito interessante porque tinha aquela confusão de gente e daqui a pouco tu começa a ver que diminui. É um pouquinho triste porque todos ali estão com o objetivo de medalha e acabou por não ter os seus objetivos, os seus sonhos conquistados. Tu vê o pessoal saindo e diz: “bom, de repente pode ser a gente se não ganharmos amanhã”. Tu começa a pensar assim e por um lado é positivo porque a final está vindo a gente tem que dar mais, tem que se doar mais do que a gente está pensando, então, faz tu refletir um pouquinho.

G.B – Tem alguma coisa sobre a sua participação nos Jogos Olímpicos de Seul que eu não perguntei que tu queira deixar registrado?

A.A – Não. Como te falei, participar de um evento desse, uma olimpíadas é... Cada vez que eu pego e que eu vejo a minha medalha... Não estou toda hora vendo, mas é bom recordar assim porque é algo que tu sempre... Eu tenho maior orgulho de ter saído de Pelotas e fazer aqui um pouquinho de voltar lá atrás nos meus dez ou onze anos; quando eu tinha um sonho de jogar bola e ter conseguido vencer, não somente a nível de clube, mas na seleção... A gente sabe que é um país de milhões e tem grandes jogadores e eu tive uma oportunidade no meio de milhões; um ou dois treinadores que me viram e esse aqui vou dar oportunidade em qualidade e trabalhei muito para isso. Trabalhei muito, mas é saber que tipo: eu fiz parte desse grupo aqui, tenho essa medalha, sou um atleta olímpico. Eu ganhei uma medalha e muita gente não sabe e, lógico que eu não ando com a medalha aqui, mas para mim é um orgulho grande. Cada vez que eu vejo aquilo ali e vejo as recordações de Seul, vejo algumas fotos... É muito legal recordar, então, acho que é isso: tu estar presente num evento dessa grandeza, acho que é uma recordação que eu digo que vou guardar pra sempre.

G.B – Aloísio, qual foi a repercussão dos Jogos Olímpicos na sua carreira?

A.A – Foi excelente porque eu estava na transição de entre Inter e Barcelona. Ou seja, Inter em 1987,1988 e o Barcelona mostrou interesse em mim. Havia uma troca de treinador lá no Barcelona, veio um treinador novo e contrataram vários jogadores e quando eu fui para o Barcelona o Inter já tinha me vendido. Eu estava na seleção sendo jogador ainda do Inter convocado, mas já tinha feito acordo do Inter com o Barcelona, ou seja, já era jogador do Barcelona. Como as olimpíadas sempre é verão, em julho e o campeonato começa em julho, já tinha começado o campeonato e, conseqüentemente, eles viam os nossos jogos. O torcedor do Barcelona: “quem é o Aloísio, quem é o Aloísio?” Então os torcedores me viam por televisão, aquilo que eu fiz dentro dos jogos, entendeu? Ninguém me conhecia e naquela época ainda, além dos clubes, só podia jogar três jogadores estrangeiros por clube; podia ter quatro, mas podia jogar três. Então, eu era um estrangeiro, um brasileiro, um zagueiro, defensor, então me viram um pouquinho na seleção. E eu sabia e pensava: vou ter que caprichar aqui um pouquinho mais e quando acabar aqui eu vou me apresentar... E quando me apresentei, foi um mês depois, já tinham três jogos, três jornadas.... Essa é a minha história, então, a nível de seleção para mim foi superimportante pelo fato de dar *knowhow* a mais; eu era um atleta olímpico que estava ali disputando uma medalha e, afinal de contas, a nível de valores, conta muito, falando de Barcelona, que é um clube super grande e exigente seus adeptos e torcedores., Barcelona foi um momento muito assim interessante da minha carreira, muito importante, um momento de transição de sair de uma seleção, sair do Brasil, sair do clube e ir para um clube de uma dimensão e a grandeza que tu conhece. Para mim foi muito rápido, foi um momento, assim, muito especial da minha vida e da minha carreira.

G.B – Qual foi a repercussão dos Jogos Olímpicos e da tua participação para o Rio Grande do Sul?

A.A – Eu acho que foi boa porque o horário lá é diferente; o jogo era sei lá, de madrugada aqui, eu lembro que a família via os jogos as três da manhã, as duas; o pessoal acompanhava e torcia muito. E falando de sul porque é um atleta aqui do sul, a família e os torcedores do Inter e quem torcia para seleção tinha outros atletas de Honduras que era meu colega; tinha o Luís Carlos Coelho Winck, que também era jogador do Inter; o

Taffarel na época ele era jogador do Inter... Mas acho que a seleção não tem Grêmio, Inter, tu torce pelo teu país ainda mais nas olimpíadas e um jogo que a gente estava disputando uma medalha de ouro. Na verdade, acho que a repercussão foi muito boa. Para mim pessoalmente foi importante por aquilo que nós fizemos; a nível de imprensa, acho que a gente conseguiu da uma resposta boa, e não ganhamos, como eu te falei, por detalhe tivemos muito perto. Acho que aquilo que a seleção fez representou muito bem o Brasil, principalmente os jogadores aqui do sul, acho que representaram bem.

G.B – Agora gostaria que tu falasse um pouco o que tu fez depois da tua carreira, depois da seleção. Tu foi para o Barcelona e depois do Barcelona até o que tu faz hoje?

A.A – Então aí vai mais um pouquinho: eu estive no Barcelona dois anos, de 1988 a 1990, e 1990 a 1991 eu fui para o Porto de Portugal⁹. Eu fui vendido para o Porto e fiquei onze temporadas como atleta e sou o terceiro jogador da história do clube com mais jogos. São 478 jogos, sou terceiro com mais jogos na história. Fiquei onze anos como jogador depois eu parei de jogar em 2000 e 2001 encerrei a carreira com 37 anos e fiquei como auxiliar técnico por três ou quatro anos; depois treinei time B do Porto em 2006 e fiquei mais sete, oito anos ali até regressar para o Brasil em 2008.

G.B – Bom, Aloísio tem mais alguma coisa que eu não perguntei que tu queira deixar registrado?

A.A – Queria registrar que acho que é importante, assim, falando de seleção mais um pouquinho da minha carreira... Às vezes muitas pessoas não sabem... Na verdade, se esse dado é importante que eu coloquei, acho que é importante até para registro que eu, ter sido um atleta estrangeiro no clube, e obviamente fiquei onze anos, eu fui capitão do clube e nunca houve capitão estrangeiro num clube. Sei lá, um exemplo aqui é o D'Alessandro¹⁰ que é argentino e é capitão; eu, no Porto, eu fiquei onze anos e há dois anos atrás foi feita uma pesquisa, uma eleição dos melhores jogadores de sempre do Porto, de toda história do clube por jornalista, jogadores, diretores e presidentes, torcedores e tal... E fizeram uma votação dos onze jogadores ideais e eu sou um dos zagueiros. Eu estou nesse time ideal lá.

⁹ Futebol Clube do Porto.

¹⁰ Andrés Nicolás D'Alessandro.

No clube tem o museu e tem um espaço, um minicampo que está lá em tamanho natural, como se fosse uma estátua, uma imagem de tamanho normal com o time, o goleiro... Eu tenho duas, além de ter lá, tem uma fora em um vidro que também até não sabia que tinha; outro dia vi, então, tem essa do time e em uma outra ali que é interessante o reconhecimento do clube... Eu também sinto muito orgulhoso de chegar lá ver que tu está ali e as pessoas vão lá e dizem: “te vi no museu”. E acho que é interessante, me sinto orgulhoso por isto.

[FINAL DA ENTREVISTA]